

HOUVE UMA CIÊNCIA MESTIÇA? COLETAS DE ALEXANDER VON HUMBOLDT E AIMÉ BONPLAND FEITAS AO LARGO DO ORENOCO

IGOR ANTONIO MARQUES DE PAIVA*

A afasia: o silêncio da viagem científica

Humboldt e Bonpland empreenderam um conjunto de explorações científicas na América entre os anos de 1799 e 1804. Concentrando a análise na carta de Alexander von Humboldt ao químico parisiense Antoine François de Fourcroy (1755-1809), datada em 16 de Outubro de 1800, reunir-se-á aqui observações que pretendem determinar especificidades de saberes da História Natural produzidos no campo de pesquisa – distantes dos gabinetes ou laboratórios – e feitas em trânsito, entre *criollos*, missionários e indígenas.

Viajar, é certo, era para o explorador dos finais dos Setecentos um distanciamento geográfico do limiar do *monde savant*; mas simultaneamente, a ocasião da produção de novos campos de investigação e de saberes empíricos. A contemplação das variações das paisagens, a sensação provocada por outras atmosferas ou ainda a observação do “céu dos trópicos” expandia os limites do imaginável pelo sábio explorador. Mas há de se considerar também o papel do contato do sábio europeu com as gentes do mundo colonial na produção do saber científico.

O viajante naturalista apresenta-se como uma via de comunicação – um mediador – entre o público europeu e a paisagem americana. Humboldt e Bonpland mediram e observaram os astros para marcar com precisão o local de cidades, portos, campos, minas, montanhas, rios, fronteiras e postos de colonização incluídos no roteiro de viagem. O trânsito dos naturalistas foi também o momento de coletar e formar alguns conjuntos de coleções de plantas e de minerais para serem catalogados e, logo, enviados para sábios estabelecidos em diferentes instituições científicas. As cartas escritas ao longo do trânsito eram o instrumento essencial da ligação entre o viajante e o público europeu. A partir de uma das compilações da correspondência da viagem americana, a *Lettres Américaines*, organizada por Théodore Hamy, em 1905, nota-se – dentro dos limites desta compilação – as comunicações à distância de Humboldt com sociedades científicas da Espanha, da Inglaterra, da Prússia, da Áustria e, sobretudo de Paris.

* Igor Antonio Marques de Paiva é mestre em História pela Universidade Federal de Mato-Grosso.

Para levar as cartas e coleções da colônia para o circuito de sábios e instituições científicas da Europa era necessário aos viajantes formar relações com figuras típicas do mundo colonial. Os naturalistas teciam no trânsito americano uma rede de colaboração criada com intendentes, governadores, cônsules, militares e missionários que administravam as colônias da América e do Caribe. Estes laços de colaboração tornavam possível somar os roteiros cotidianos dos moradores da colônia no seu itinerário e admitir – com ajuda das autoridades locais – os guias nativos que conheciam os pormenores do interior do continente. Neste sentido, o roteiro, o reconhecimento do espaço e a formação de coleções foram operados a partir do encontro das referências científicas dos sábios viajantes e os múltiplos universos políticos e culturais que regiam a configuração da sociedade colonial.

A viagem, sob esta perspectiva, figura como um produto cultural promovido no cenário da expansão europeia para os interiores dos continentes no final do século XVIII. Os temas incluídos no repertório de curiosidades do viajante era uma composição construída a partir das passagens dos sábios em espaços destinados às conversas, instruções e publicações que difundiam o pensamento científico na Europa. Todavia, os objetos e a prática de pesquisas particulares se definiam somente no decorrer do movimento dos sábios naturalistas em companhia e sob a influência das figuras do mundo colonial de América: os *criollos*, os missionários e os guias locais. Nesta ótica as viagens foram, irrevogavelmente, conjuntos de experiências históricas vividas em comum por sábios, colonizadores, colonos e ainda as figuras sociais – a exemplo dos guias indígenas bilíngues – que nasceram a partir do encontro entre o universo Ocidental e o mundo colonial ou em vias de colonização no final dos Setecentos. Funda-se, assim, um saber decorrente “de misturas que foram desenvolvidas entre formas e conteúdos oriundos de diferentes continentes”. Composto-se como “passarelas, elos e canais” entre a Europa e as sociedades tradicionais, a ciência da viagem, enfim, apresenta-se sob uma forma mestiça (GRUZINSKI, 2004: p.253).

Já fazia um ano de Humboldt na América do Sul. Os envios de dados e coleções do trânsito por Valência, Puerto Cabello e o Orenoco

Haviam chegado em 16 de Julho de 1799, em Cumaná, na Venezuela. Desde então, Humboldt e Bonpland já haviam explorado a costa venezuelana e as regiões circunvizinhas das missões jesuíticas de Nueva Andalucia, cuja administração estavam

com os padres Capuchinhos, e, ainda, haviam atravessado as florestas e as águas do Pária. Ao fim de novembro, de 1799, já haviam se deslocado para Caracas, para, então, em 7 de fevereiro de 1800, iniciarem a viagem fluvial que os levariam até o encontro das águas dos rios Orenoco e Negro. O retorno ao ponto inicial, em Cumaná, ocorreria em 26 de agosto de 1800. A longa viagem pelos braços do Orenoco foram, durante meses, o assunto central das epístolas enviadas de Humboldt para o seu círculo de correspondentes das sociedades do *monde savant* (termo usado pelo viajante).

A leitura das cartas imediatamente posteriores a viagem do Orenoco revelam, parcialmente, os conteúdos das coleções e produtos indígenas enviados. As observações do naturalistas e os envios de coleções apresentam ao leitor o diálogo existente entre as buscas de Humboldt e Bonpland na América e os apontamentos das instruções e debates que movimentavam as sociabilidades dos sábios no universo científico europeu; e, desmonstram ainda, as relações de colaboração entre o prussiano e os *criollos*, viajantes, diplomatas e militares e outros tipos europeus que estiveram de passagem pelas colônias da Espanha no momento do trânsito de Humboldt e Bonpland.

No corpus da *Lettres Américaines* (1905), reunido por Hamy, existem três peças que pretendem precisar o expressivo volume dos trabalhos voltados para a constituição da coleção naturalista de Humboldt e Bonpland, no retorno do Orenoco. Na carta a Fourcroy de 16 de Outubro de 1800, há a soma, que inclui os exemplares repetidos das mesmas espécies, de um total de 6.000 itens herborizados ao fim da exploração do Orenoco (HAMY, 1905: p.79). Na missiva escrita para De Laméthrie, 15 de Novembro de 1800, depois de iniciada a organização das coletas, chega-se a monta de 1.200 descrições de espécies da flora e da fauna de Nueva Andalucía, Pária e Orenoco (HAMY, 1905: p.91). E em carta a Willdenow, de 21 de fevereiro de 1801, o prussiano contou nos seus manuscritos o volume de 1.400 descrições de espécies raras e não catalogadas nos inventários naturalistas que ele havia podido tomar conhecimento (HAMY, 1905: p.107). Os viajantes realizaram um grande volume de trabalho científico durante a navegação pelos braços do Orenoco e nas passagens pelas missões e guarnições às margens dos rios. A escassa ocupação espanhola às margens dos braços do rio Orenoco e do Rio Negro deve ter agravado as dificuldades de comunicação dos naturalistas com os seus correspondentes. Afinal, ocorre uma evidente diminuição no número das comunicações epistolares feitas pelo nobre prussiano.

Houve missivas cuidadosas sobre o conhecimento geográfico do Orenoco e a fronteira das colônias espanholas e portuguesa. Foram motivos para memórias no corpus epistolar: plantas para a extração resinas plásticas e variados apontamentos antropológicos, geográficos e geológicos dos espaços visitados durante a navegação dos rios. Foram enviados, num conjunto enciclopédico, materiais que desde um longo período permeavam a curiosidade instituída pelos textos de instruções científicas remetidas para os viajantes no final do século XVIII. Os envios de Humboldt demonstram, ora, um diálogo feito à distância entre as práticas do prussiano como viajante naturalista e os temas e questões criadas nos textos, instruções, manuais científicos.

Humboldt foi leitor, como demonstram as Cartas Americanas, dos textos de instruções científicas e, por meio destes textos e pelas relações e conversas com os sábios europeus, o prussiano construiu seu mapa e questionário para a definição dos seus itinerários nas colônias de Espanha. Em carta para Jérôme Lalande, 19 de Novembro de 1799 (HAMY, 1905: p.49), o prussiano comentou que as suas análises de intensidade magnética estavam demonstrando o contrário ao citado, da análise de Borda, na *Mémoire rédigé par l'Académie des Sciences* que serviu para a instrução dos membros da expedição de La Pérouse (MILET-MUREAU, 1798: p.176). E, também, as instruções da *Questions proposées par la société de médecine à MM. Les voyageurs qui accompagnent M. de la Pérouse*, feito por Mauduyt, Vicq-D'Azyr, Thouret e Fourcroy, exerceu um profundo impacto no direcionamento do visto, do colecionado e do enviado pelo prussiano às sociedades científicas. As instruções de viagens célebres do período Iluminista marcaram, claramente, a comunicação feita por Humboldt nas epístolas e livros.

O texto de instrução da *Société de Médecine de Paris* sugeriu um questionário de História Natural voltado para a aplicabilidade na medicina para os expedicionários comandados por La Pérouse no projeto do périplo de 1785. Isso significava perguntar sobre o temperamento, a cor da pele, estruturas físicas e hábitos dos locais. O texto guardava lugar para perguntas sobre a fisiologia, alimentação, habitação, higiene e os usos de remédios e plantas para fins terapêuticos. Todas estas formam um repertório de buscas comum aos naturalistas do século XVIII.

Humboldt respondeu, propriamente, ao texto *Questions*, na pergunta feita pelos médicos parisienses sobre a existência numerosa de homens que amamentavam a sua prole no continente americano. Poder-se-ia ler na instrução aos médicos da expedição La Pérouse: “*Y a-t-il fréquemment en Amérique des hommes dont les mamelles contiennent du lait assez adondamment pour nourrir des enfans, comme on l’a dit?*” (MILET-MUREAU, 1798: p.189). Quanto a isso, lê-se na *Relation historique*, que o prussiano enviou para Cádiz uma descrição fisiológica do camponês da província de Nueva Andalucía, Francisco Lozano, que teria amamentado o filho (HUMBOLDT, 1814: p.376).

Noutro virtual diálogo com o *Questions*, enviou algumas memórias, centenas de desenhos e uma caixa com exemplares de arbustos de plantas *Chinchonas* para o *Institut National* de Paris – como o viajante noticiou, por exemplo, na carta a Delambre de 25 de novembro de 1802 (HAMY, 1905: p.141). Os produtos, cedidos pelo naturalista Celestino Mutis, certamente, respondiam à chamada do texto da *Société de Médecine*: “*Rechercher s’il n’existerait pas dans quelques pays chauds les analogues du quinquina, du simarouba, de l’ipécacuanha, du camphre, de l’opium, etc., et si les isles contiennent des plantes émétiques ou purgatives dont on pourrait tirer quelque parti?*” (MILET-MUREAU, 1798: p.197).

Nos envios do Orenoco encontra-se uma carta endereçada particularmente ao nome de um dos redatores do texto da *Société de Médecine*, o químico Fourcroy. Na missiva, o prussiano juntou aos temas das instruções no texto *Questions*, assuntos que o químico francês e redator da instrução a La Pérouse já demonstrava um interesse particular desde a década final do século XVIII: a extração e a manipulação de resinas plásticas.

Na carta para Fourcroy, 16 de Outubro de 1800, o viajante prussiano escreveu sobre os envios à Paris de produtos encontrados na viagem pelos caminhos fluviais dos rios ligados ao Orenoco:

Eu tratei de antes de tudo procurar o curare ou o famoso veneno dos Índios do Rio Negro, em toda a sua pureza. Fiz especialmente uma viagem a Esmeralda para o cipó que da essa poção (desgraçadamente para nós o encontramos sem flores) e para ver fabricar este veneno pelos índios Catarapenis e Maquiritares. Em outra oportunidade darei para ti uma descrição mais ampla (o agente me apressa para partir), e agrego

unicamente que lhe envio o curare na caixa de ferro-branco e os ramos da planta mavacure de onde se tira este veneno (HAMY, 1905: p.83)

Humboldt, primeiramente, comunicou os resultados de sua exploração que ficavam dentro da esfera do texto *Questions*. Os redatores desta instrução a La Pérouse haviam definido como meta, descrever e apontar as nações indígenas que, produzissem e usassem o recurso das poções venenosas nas ferramentas de caça. A partir deste momento, a ciência busca de modo latente a apropriação de saberes locais (ditos tradicionais). Humboldt, então, atua como um veículo de miscigenação do pensamento e das práticas científicas com a inteligência dos índios que ocupavam as florestas às margens do Orenoco.

Dentro do campo da curiosidade científica pelos remédios e venenos, o prussiano enviou para Fourcroy uma caixa com o Curare e a planta Mavacure. No envio destes produtos indígenas, o viajante seguiu o protocolo das instruções do texto *Questions* (MILET-MUREAU, 1798: p.197). Sendo assim, descreveu os lugares e o ambiente mais propício para o crescimento do Mavacure (a planta de onde se extrai o Curare). Relatou as técnicas dos índios Catarapenis e Maquiritares para a preparação da poção venenosa e pontuou os usos do produto, tanto como veneno como remédio para problemas estomacais.

Eu tentei, antes de tudo, lhe procurar o curare ou o famoso veneno dos índios do Rio Negro, em toda a sua pureza. Eu fiz especialmente uma viagem por Esmeralda para ver o cipó que dá a este melado (infelizmente para nós não encontramos flores) e ver fabricar o veneno pelos índios Catarapenis e Maquiritares. Em outra oportunidade lhe darei uma descrição mais ampla (o agente me apressa para partir) [...] (Hamy, 1905: p.83)

Caso esta carta com a descrição da produção do Curare veio a ser escrita, o seu corpus não foi preservado ou – sendo otimista – aguarda ainda a sua descoberta e publicação. Na *Relation historique* (1819), livro VIII, capítulo XXIV, no segundo tomo, encontra-se a prometida descrição pormenorizada do produto indígena visto por Humboldt e Bonpland na cidade de Esmeralda (HUMBOLDT, 1819: p. 545-557).

Quando chegamos a Esmeralda, a maioria dos índios estavam retornando de uma viagem que tinha feito para o leste, além do Rio Padamo, para recolher a Juvias ou os frutos da *Bertholletia* e o cipó que dá o Curare. Este retorno foi comemorado com uma festa chamada na missão de *Fiesta de las Juvias*, e

que se assemelha aos nossos festivais da colheita e das safras. As mulheres tinham preparado uma grande quantidade de bebidas fermentadas, durante dois dias não se encontrava mais que índios bêbados [...]. Nós tivemos a sorte de encontrar um velho índio menos bêbado do que os outros, e que estava ocupado preparando o curare, veneno com plantas recém-colhidas. Era o químico do lugar. Encontramos em sua casa grandes caldeiras de barro destinadas ao cozimento dos caldos vegetais, vasos menos profundos que favorecem a evaporação da superfície apresentam folhas de banana enroladas em cones usados para filtrar líquidos mais ou menos carregados de substâncias fibrosas. Reinava a maior ordem e limpeza na cabana que havia sido transformada em laboratório de química. O índio que devia instruir-nos é conhecido na missão com o nome de mestre de veneno (Amo del curare); ele tinha esse olhar grave e esse tom pedante que outrora culpavam os farmacêuticos na Europa” (HUMBOLDT, 1819: p.547).

O índio – na tradução de Humboldt marcada pela oposição de saber tradicional e o científico – apontava a superioridade e o valor de seu conhecimento tradicional.

"Eu sei, ele disse, que os brancos têm o segredo da fabricação do sabão e da pólvora negra que tem o defeito de fazer barulho e espantar os animais, se você falhar. O Curare, nós preparamos de pai para filho, é superior a qualquer coisa que você possa fazer lá (para além dos mares). É o suco de uma erva que mata silenciosamente (sem saber de onde partiu o tiro)." (HUMBOLDT, 1819: p.547-548).

Humboldt replica:

"Este processo químico, que o “amo do curare” dava tanta importância, nos parecia muito simples. Dá-se ao cipó (bejuco), que é usado para Esmeralda para a preparação do veneno, o mesmo nome que o usado nas florestas de Javita. É o “bejuco de Mavacure” dos quais são recolhidos abundantemente a leste da missão, na margem esquerda do rio Orinoco, além do Rio Amaguaca no terreno montanhoso e granítico da Guanaya e do Yamariquin. Ainda que os maços de bejuco que encontramos na missão do índio estivessem desprovidas de folhas, não nos resta dúvida que provém da mesma família de plantas da Strychnées (muito perto da Rouhamon Aublet), que havíamos examinados na floresta Pimichin. Emprega-se o Mavacure fresco ou seco desde várias semanas. O suco do cipó, recentemente colhido, não é considerado venenoso: talvez ele aja de uma forma suave até quando é altamente concentrado. É a parte da casca e alborno que contém este veneno

terrível. Raspa-se com uma faca os ramos do Mavacure de 4 a 5 linhas de diâmetro; a casca removida é esmagado e reduzida em filamentos muito finas sobre uma pedra para moer a farinha de mandioca. Como a seiva venenosa é amarela, toda esta massa fibrosa leva a mesma cor. Ela sai de dentro do funil de 9 polegadas de altura e 4 cm de abertura. Este funil é de todos os utensílios do laboratório indígena, o que o amo do veneno ostentava mais. Ele perguntava repetidas vezes se, por lá (lá, isto é, na Europa), nunca tinha visto nada comparável ao seu funil. Era um cone de folha de bananeira enrolada em si mesma, e colocado em outro mais forte de folhas de palmeira; todo este aparato foi apoiado por um ligeiro andaime de pecíolos e de “rhachis” de palmeira. Começando-se a fazer uma infusão despejando água fria sobre o material fibroso que é moído da casca do Mavacure. Filtra uma água amarelada por várias horas, gota a gota, através do funil de folhagem. Essa água é filtrada é o licor venenoso, mas adquire a força somente quando é concentrada por evaporação, portanto, na forma de melão, em um vaso de barro grande. O índio nos convida de vez em quando para provar o líquido; se avalia, de acordo com o gosto mais ou menos amargo, se a concentração pelo fogo foi longe o suficiente. Não há perigo nesta operação, já que o curare é deletério apenas com o contato imediato com o sangue. Também os vapores da caldeira não são nocivos, ainda que outra coisa dissessem os missionários do Orenoco. [Abade Felix] Fontana, em seus excelentes experimentos do veneno dos Ticunas do rio Amazonas, provou que os vapores que espalham o veneno quando pulverizados sobre as brasas pode ser respirado sem medo, e que é falsa, conforme anunciado pelo Sr. de la Condamine, que as mulheres indígenas condenadas a morte, executadas pela fumaça do veneno dos Ticunas (HUMBOLDT, 1819: p.548-550).

Entre desacordos, na linguagem irônica de Humboldt, o viajante relata a visita a “cabana laboratório” dos índios da missão de Esmeralda e apropria-se do saber tradicional para, primeiro, superar as descrições (envoltas de misticismo) dos missionários Gilli e Gumilla. Depois, para alimentar as discussões da química européia em torno da classificação das plantas que davam origem a poção, meios de sua fabricação e as aplicabilidades do *Curare* como veneno e com fins medicinais. Humboldt conta que, além do envio a Fourcroy, durante a viagem, em 1800, no retorno à Europa em 1804, entregou amostras do material aos químicos Magendie e Delille, do Institut (HUMBOLDT, 1819: p.552).

A epístola de 16 de Outubro de 1800, a Fourcroy. prossegue informando os produtos do Orenoco que seriam remetidos para Paris junto ao Curare. Os próximos, na

esfera do interesse de Fourcroy pelas resinas plásticas, constituem um novo conjunto de materiais indígenas apropriados por Humboldt para os homens de ciência. Nele estão o *Leche de Pendare* e *Dapiche*.

O viajante, na carta a Fourcroy, informou que chegou ao *Dapiche* ao notar o uso de instrumentos musicais feitos de borracha pelos índios Poimisianos e Paraginis. O material, originalmente líquido, era proveniente dos troncos de árvores que não haviam sido nomeadas pelos botânicos [ele sugeria, inicialmente, *jacis* e a *curvana*]. Levado ao fogo, o material retirado dos troncos se transformava em uma massa plástica que parecia ser similar ao *coautchouc*, que já era estudado por Fourcroy, e já havia lhe rendido uma série de publicações nos *Annales de Chimie*. Junto a estes, o viajante enviava o verniz retirado do *Árbol de Pendare*, para, em Paris, serem avaliados os seus usos possíveis para as artes européias (com este verniz, propriamente, seriam artes “mestiças”).

Os envios a Fourcroy se dividem em duas formas das relações do naturalista prussiano com as populações indígenas espaçadas pelas margens dos braços do Orenoco. Primeiro, se constitui uma fissura nos limites que separam os paradigmas ilustrados e o mundo intelectual das sociedades indígenas. Sem reflexões e conceitualizações possíveis, a figura indígena aparece como portadora de saberes úteis e apropriáveis para o uso no mundo europeu. E, num viés filosófico-antropológico, o índio é apreendido como uma pista para se desvendar a formatação do mundo anterior ao processo de urbanização e da Revolução científica.

Humboldt completou, neste segundo viés, o envio com materiais para a coleção antropológica do Muséum National de Histoire Naturelle, em Paris. Para esta apreensão do indígena como objeto de curiosidade e de reflexão histórica houve dois itens: o primeiro, a *tierra de los Otomacos*, era a argila à que os índios Otomacos recorriam para lhes servir de alimento; o segundo foi uma *tabaqueira* com a qual o prussiano pensava enriquecer a coleção antropológica do *Muséum* e, também, usá-la como ponto de partida para verificar os possíveis laços de origens comuns dos Otomacos – os proprietários originais do objeto – com o povo dos Omaguas (os quais Humboldt conheceu na leitura de Charles de La Condamine) que haviam sido descritos com um objeto parecido.

Estes produtos ilustram o diálogo de Humboldt e o texto de instruções e os debates que davam a dinâmica da produção cultural científica no continente europeu. No entanto, revelam este diálogo pela dinâmica da viagem que era imposta ao sábio; os

temas que chegam ao território colonial na forma de saberes europeus tendiam a se misturar e ganhar formas mestiças a medida que se inicia o avanço do sábio viajante pelos interiores continentais. A química de Fourcroy e os envios de Humboldt recolhidos entre os índios do rio Orenoco, na cidade de La Esmeralda, deveriam levar ao cenário da República das Letras uma produção cultural mestiça.

O destino dos envios: uma política savant no mundo colonial

Grande parte de todos os envios se perderam. Algumas cartas foram perdidas junto às coleções que elas deveriam fazer uma descrição dos materiais que eram oferecidos aos membros das instituições (o *leche de Pendare*); e, noutro caso, a carta chegou ao seu destino sem levar consigo os produtos indígenas que ela enunciava o transporte à Europa (é o caso da carta a Fourcroy, 16 de Outubro de 1800). Perderam-se também dois pacotes que os envios – embora o silêncio de Humboldt – foram noticiados pelo editor do periódico parisiense *Le Moniteur Universel* (HAMY, 1905: p. 96). Uma grande quantidade de memórias e produtos indígenas que deveriam ser re-significados pela linguagem científica foram perdidos ou tiveram seus destinos alterados ao longo dos trajetos. Houve, entretanto, outros materiais que puderam preservar as figuras do viajante barão de Prússia e do botânico francês no campo do visível ao público criado pelos jornais literários que publicavam as cartas dos viajantes no início do XIX.

Estes pequenos envios, feitos desde a saída de Caracas até o retorno dos braços do rio Orenoco por Nueva Barcelona, põem em evidência também, no primeiro plano, a rede de colaborações que permeava a efetuação da empresa científica. E, no pano de fundo, também lança luzes sobre o caráter improvisado do percurso e a habilidade do viajante em se adaptar às oportunidades que lhe ocorriam e lhe vieram a determinar os eventos da sua viagem pelas coloniais meridionais da América espanhola.

Humboldt enviou, para o conde Fourcroy, um tipo de leite vegetal encontrado pelas proximidades do Valles de Aragua. O produto era chamado de *Árbol de vache* pelas gentes locais da Hacienda La Bárbula; em La Bárbula, observaram que se tratava de um elemento comum aos hábitos alimentares dos funcionários *zambos* das grandes propriedades *criollas*. Duas porções deste produto deveriam seguir para Paris sob os cuidados de um cônsul oriundo da República da Ilha de *Saint-Thomas*. O envio ao encargo do diplomata deveria ocorrer enquanto os viajantes estivessem a caminho das

margens do rio Orenoco; no entanto, ele não chegou a Paris. A perda dos produtos só foi conhecida pelo público *savant* quando Humboldt perguntou à Fourcroy sobre o dito produto em epístola – 16 de Outubro de 1800 – que enunciava novas amostras dos usos dos recursos naturais pelos indígenas da região amazônica (HAMY, 1905: p.82).

O envio do prussiano – largamente comentado acima – para Fourcroy: o *Curare*, os ramos da *Mavacure*, o *Dapiche*, a tierra e a tabaqueira dos *Otomacos*, deveriam chegar a Paris pela colaboração de dois militares franceses. Bressot e Jeannet haviam sido partícipes da derrocada francesa contra os ingleses na Ilha Corazao, no contexto das guerras napoleônicas no Atlântico. A derrota local dos franceses veio a se tornar para Humboldt e Bonpland uma ocasião para fazer chegar os produtos indígenas do rio Orenoco aos homens de ciência parisienses (HAMY, 1904: p.79).

Uma nota do editor do *Le Moniteur universel* deixou o registro de outro provável colaborador do prussiano ocupante de um cargo do governo colonial francês. Deveria tratar-se do *citoyen* Bresscau, de *Guadaloupe*, que aparece nomeado entre as referências dos colaboradores franceses no *corpus* das cartas que informam envios de materiais feitos para Paris (HAMY, 1905: p.96, p.82, p.156-157). Em rota contrária, a resina *Dapiche*, por via de Trinidad, seguiu para Joseph Banks por um caminho iniciado na ilha, então, ocupada pelos ingleses desde 1797 (HAMY, 1904, p.147).

Humboldt teve certa margem de êxito em se manter em comunicação com Europa. Isso se deve parcialmente aos serviços oferecidos a ele por membros de diferentes embaixadas estabelecidas ou com missões no território colonial próximo às costas de América. A rede de colaboradores estendia-se igualmente a personagens que encarnavam a figura de militares, *criollos*, comerciantes e tantos outros tipos de viajantes que operacionalizavam a comunicação da Europa com o mundo colonial nos ambientes de conflito das guerras napoleônicas.

A colaboração de figuras de diferentes nacionalidades mesmo no cenário de guerra instalado, não figura no *corpus* da *Lettres Américaines*, como algo de deveria ser surpreendente para Humboldt. O repertório conceitual dos homens capturados pela Ilustração setecentista quiçá tenha um ponto de esclarecimento para este sentimento de naturalidade diante da colaboração de inimigos (ingleses, franceses e espanhóis) para os interesses do prussiano. O barão prussiano na viagem científica encarnava a figura das gentes dos públicos ou da República das Letras; isso – no século XVIII – representava

que ele era parte de uma categoria que tinha por missão a busca pelo conhecimento e difusão do saber por meio da escrita impressa.

Esta tarefa era tomada como um interesse que estava no fora dos interesses do Estado e do poder Religioso; portanto, no público fora da lógica, das intrigas e dos limites nacionais e religiosos. Este lugar conceitual ganhava valores concretos nas sociabilidades operadas em jornais, *clubs*, salões, sociedades científicas e literárias e outros espaços particulares do cenário da República das Letras (*monde savant*). Nesta lógica do pensamento Iluminista, os indivíduos deveriam agir a partir destas referências conceituais, Humboldt foi menos um prussiano a serviço do Rei de Espanha e, a contrapelo, assumiu as vestes do sábio *cosmopolita* da República das Letras.

As expectativas e sonhos ilustrados depositados sobre a ciência e seus praticantes lhe forneciam instrumentos táticos para formar laços de cooperação com diferentes autoridades coloniais. Assim, pôde movimentar-se habilmente com menores riscos entre rivais nos postos e guarnições coloniais espanholas e embaixadas de França e Inglaterra. Aproveitando os favores possíveis àqueles identificados socialmente como gentes do público, enfim, o viajante pode fazer o Orenoco chegar à Europa na forma de extratos narrativos epistolares e produtos indígenas encontrados às margens dos rios interioranos da fronteira Venezuela, Guianas e Brasil. Entre índios, florestas e autoridades coloniais, Humboldt e Bonpland operaram e levaram à Europa uma ciência mestiça.

Referencias Bibliográficas

GRUZINSKI, Serge. “O que é um objeto mestiço?” In: (Org.) PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Escrita, linguagem, objetos: leituras de História Cultural*. Bauru: EDUSC, 2004, p.253-267.

HAMY, E. T. *Lettres Américaines d'Alexander von Humboldt (1798-1807)*. Paris: Librairie Orientale & Américaine Guilmoto, 1905.

HUMBOLDT, Alexandre de. *Relation historique du Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804, par Al. de Humboldt et A. Bonpland*. Paris: Casa F. Scholl, 1814, tomo I.

HUMBOLDT, Alexandre de. *Relation historique du Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804, par Al. de Humboldt et A. Bonpland*. Paris: casa Maze, 1819, tomo II.

HUMBOLDT, Alexandre de. *Relation historique du Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent*, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804, par Al. de Humboldt et A. Bonpland. Paris: Smith/ Gide, 1825, tomo III.

MILET-MUREAU, Louis-Marie-Antoine Destouff de. *Voyage de La Pérouse autour du Monde*. Paris: Chez Plassan, 1798, tomo I.

MINGUET, Charles. *Cartas Americanas*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1988.